

DIAGNÓSTICOS PSIQUIÁTRICOS E NÃO-VIOLÊNCIA

É curioso olhar para como se dá a prevalência de rótulos relacionados a transtornos mentais ao longo do tempo, o que parece confirmar a tese defendida por várias pessoas, entre elas o médico Gabor Maté, de que os transtornos mentais são muito mais construções sociais do que distúrbios orgânicos ou psíquicos. Das neuroses várias e fobias prevalentes nos anos 1950 e 1960, durante a chamada Guerra Fria, ao abuso de drogas legais e ilegais durante os rebeldes anos 1970 e 1980, das ansiedades generalizadas e depressões nos yuppies anos 1990 à síndrome do pânico nos instáveis anos 2000, até o chamado Transtorno de Personalidade Bordeline que vimos grassar durante a última líquida década (aproveitando pra homenagear o Baumann, que cunhou este conceito e fez sua passagem hoje), cada uma destas modalidades de sofrimento parece estar intrinsecamente conectada com as questões sociais, econômicas e estruturais vigentes em cada momento histórico. Ao que tudo indica, a bola da vez é o chamado Transtorno de Personalidade Narcisista - não por acaso, nestes tempos de neoliberalismo, selfies e redes sociais. Lendo um artigo à respeito disso, me deparei com uma tese que pode nos ajudar a enxergar empaticamente este alegado transtorno (apesar de ser da área da saúde mental - ou por isso mesmo, eu questiono veementemente os rótulos psiquiátricos, como já deve ter ficado explícito, por isso prefiro falar em "funcionamento" ou, ainda melhor, em "comportamento"): a pessoa que apresenta um comportamento narcisista, na verdade, é alguém que tem aversão à vulnerabilidade. Para ela, vulnerabilizar-se é colocar-se à mercê do outro, é fragilizar-se, é sujeitar-se a um poder externo e maior. Possivelmente, porque em algum momento de sua vida ela teve seus pactos de confiança violados. Compreender desta forma me dá confiança de que a empatia profunda pode atuar na reconstrução dos laços de confiança e na possibilidade de vulnerabilizar-se destas pessoas, reconfigurando seu modo de ser e estar no mundo.

eu acredito que diagnosticar pessoas como sendo, por exemplo, bipolares, depressivas, narcisistas, psicopatas, é aprisioná-las em rótulos, por isso prefiro pensar que estas pessoas estão apresentando, tomando como exemplo a bipolaridade, comportamentos originados em um humor de tal forma instável que causam um grau de sofrimento muito grande para ela e para as pessoas com quem elas convivem. Ou, no caso da depressão, uma tristeza tão profunda que talvez as impeçam de encontrar sentido em suas vidas. Ou seja, prefiro a observação à explicação prévia. Porque quando eu digo que alguém "é" narcisista, por exemplo, eu passo a acreditar que já sei como esta pessoa vai se comportar em qualquer circunstância, e isto me impede de enxergá-la como o ser humano cheio de potência que todos somos.

Também acho que as estruturas sociais e os padrões de comportamento impostos por ela valorizam ou propiciam alguns tipos de comportamento que a psiquiatria relaciona com psicopatologias. Por exemplo, como não sentir ansiedade nos nossos tempos atuais, quando a comunicação é imediata e existe a expectativa de que todas estejamos conectadas, o tempo todo? (isso tb tem a ver com o que vc perguntou, [Angélica Brückner](#)?). No caso específico do chamado transtorno de personalidade narcisista, não é esse tipo de personalidade o mais valorizado hoje quando se fala de pessoas bem-sucedidas no trabalho ou na política?